

BELTRÁN, Vicenç, *Inês de Castro, Leonor de Guzmán e Isabel de Liar. Del romance al mito*, México D.F., Frente de Afirmación Hispanista A.C., 2022, 359 pp.

*Toldam-se os ares
Murcham-se as flores:
Morrei, amores.
Que Inês morreu.*

*Misero esposo
Desata o pranto,
Que o teu encanto
Já não é teu.*

Bocage

O professor aposentado das Universidades de Barcelona, Cádiz e Sapienza, de Roma, Vicenç Beltran, é estudioso e pesquisador especialista na poética medieval, com foco na lírica cortesã, oral e tradicional, não só espanhola, mas também de diversas línguas europeias, como a galego-portuguesa, catalã, occitana, francesa e italiana. Uma de suas últimas publicações é a obra que agora me proponho resenhar. Partindo do pressuposto de que o leitor já conhece sobre o mito de Inês de Castro, Beltran se entrega ao estudo das influências que o romance sobre Isabel de Liar sofreu tendo por partida a real história de Inês de Castro e de Leonor de Guzmán. O estudioso analisa as obras preeminentes dos poetas Garcia de Resende, António Ferreira, Camões, Juan Manuel e outros —castelhanos ou portugueses que poetizaram a lenda de Castro. A obra está dividida em cinco capítulos, com subcapítulos, além da Introdução e um importantíssimo Anexo Documental, em que o pesquisador disponibiliza dezesseis documentos originais com crônicas, poemas, romances e depoimentos —parte daquilo que se valeu Beltran para concretizar sua pesquisa.

No primeiro capítulo, antes de seus comentários, Vicenç adverte que “las informaciones documentales y cronísticas sobre estos hechos son casi todas posteriores a la muerte de Pedro I y están contaminadas por los intereses y controversias creadas por la sucesión de Fernando I” (p. 18). A advertência, diga-se de passagem, vale para tudo o que analisa Vicenç. Segue explicando que o mito de Inês de Castro foi criado pela literatura e é mais tardio, pois se desenvolveu desde os começos do século XVI pela poesia cortesã em castelhano, em português e —inclusive— em latim. “Todos ellos partían básicamente de las crónicas, que habían conservado el recuerdo de los sucesos clave, la pasión de don Pedro I y la muerte violenta y poco comprensible de Inés, pero encontraron una fuente de inspiración en los romances sobre Isabel de Liar [...] publicados desde mediados de siglo XV [...], a la que identificaron sin dudar con Inés” (p. 18). Quanto a Leonor de Guzmán, esta sempre foi uma figura muito atrativa para os historiadores e, “[c]omo Inés, murió asesinada, esta vez en manos de la reina su rival” (p. 19). Todavia, a história de Leonor não alcançou o nível literário de sua coetânea.

Para falar de uma tradição crítica, o estudioso recorre a vários documentos e análises e pontua algo que será persistente em seu trabalho, qual seja versos dos textos poéticos e dramáticos. Cito alguns: “Por los campos de Mondego / caballeros vi assomar / armada gente les sigue / ¡válgame Dios!, ¿qué será?” (de um texto teatral), que coincidem com os das *Trovas* de Garcia de Resende “polos campos de Mondego / cavaleiros vi assomar”. Estes versos acompanharão

os romances derivados do caso de Castro. Beltran muito se referirá a dois romances importantes para a criação do mito, “Yo me estaba en Giromena” e “Yo me estaba en Tordesillas”, os quais relatam o drama de Inês e Pedro I, e outro que trata de Isabel de Liar, *Romance de la venganza de doña Isabel*. Jorge de Sena aponta que “terá havido um ciclo de romances, que é o de Dona Isabel de Liar, referente à morte de Leonor Núñez de Guzmán. Esse ciclo é-nos conhecido em versões muito mais tardias, que receberam contaminação imaginosa do drama de Inês de Castro” (*apud* p. 36).

O pesquisador dedica-se a estudar, também, a história e historiografia de Inês de Castro. E chega à conclusão que os “datos documentales son muy escasos (aunque en algún caso ricos en pormenores) y de fiabilidad muy diversa. Solo un documento nos ha llegado del período en que vivió Inés: varios miembros de la familia Coelho en Oporto, el 12 de junio de 1352, concedieron al entonces infante Pedro los derechos de patronazgo que poseían sobre la iglesia de San Andrés de Canidelo que él transmitió inmediatamente a su amante” (p. 55-56), e que depois foi transferida aos filhos. Dos escassos documentos, alguns dizem que pouco depois de coroado, Pedro apresentou publicamente Inês como sua esposa e sua relação, como matrimônio secreto. Um outro documento é atípico e especial, aquele em que Fernão Lopes descreve com cuidado a cerimonia de translação de Inês de Castro desde Santa Clara de Coimbra, “en cuyos palacios probablemente fue asesinada y en cuya iglesia fue provisionalmente enterrada, hasta su destino definitivo en Alcobaça, donde don Pedro levantó para ambos los maravillosos sepulcros que aun hoy asombran al visitante” (p. 58). Quanto à morte de Inês, Beltran encontra documentos em português e castelhano relatando que teria sido degolada e que isso teria ocorrido em 7 de janeiro de 1355. À página 62, duas figuras se destacam: a do sepulcro de Pedro I “Rueda de la vida. Ejecución de Inés de Castro” e outra com a Roda da Fortuna noutro extremo do mesmo sepulcro. Nessas figuras, como dizem estudiosos, permite-se ver a decapitação de Inês.

Em seguida, a crise sucessória portuguesa (1383-1385) e relatos sobre os filhos de Inês são apresentados e analisados. E logo após, os comentários sobre a memória de Inês, partindo das cortes de Santarém à cronística. Neste item, estudam-se os documentos de Pero López de Ayala que contêm ingredientes narrativos que passarão à tradição cronística: “la belleza de Inés, el comienzo de sus amores tras la muerte de Constanza Manuel (1349), el rechazo de Afonso IV por su bajo nacimiento, el intento de Pedro de oficializar la unión y legitimar la prole, el rumor de haber Pedro casado con ella según sus allegados, la localización del asesinato en Santa Clara de Coimbra, la identidad [...] de los asesinos, su fuga a Castilla, la repatriación de Pero Coelho tras un acuerdo entre los dos Pedros, su ejecución y la fuga de Diogo Lopes Pacheco” (p. 78-79). Ayala conta como foi executada a vingança por parte de don Pedro contra Pero Coelho: “nuestra crónica específica que les sacó el corazón de diversa manera y aquí lo cuenta solo de uno de ellos” —assim como o fez Fernão Lopes, quem conhecia a *Crónica* de Ayala (p. 91). Depois de um longo relato sobre Ayala —e de Fernão— Beltran dedica-se a outro compilador, Cristóvão Rodrigues Acenheiro, que teria feito um sumário dos feitos relativos a Pedro I, Inês de Castro e Afonso IV, datado de 1535, já em pleno Humanismo. Para terminar o capítulo, Vicenç Beltran dedica-se aos silêncios contidos em toda a documentação estudada. O subcapítulo é “Inés y los castellanos” (p. 129-132).

No capítulo 3, o pesquisador começa a analisar e comentar Leonor de Guzmán e seus avatares poéticos. O itinerário de Leonor teria sido contrário ao de Inês: “a pesar de que uno de sus hijos llegó a la corona (o quizá precisamente por eso: ser hijo de una barragana no era buen pie para justificar su reinado), las crónicas posteriores se olvidaron de ella y solo la encontramos, casi como figura colateral y medio figurativa, en las tres que se escribieron en tiempos de su pareja, Alfonso XI. Sin embargo, las donaciones que de este recibió fueron tan cuantiosas y su

relevancia administrativa, en consecuencia, alcanzó tal relieve que la documentación conservada sobre ella y sobre sus hijos es muy considerable” (p. 133). Alfonso XI casou-se com Maria de Portugal, considerada malquerida, em 1328. Essa malquerença dá-se quando Alfonso e Leonor de Guzmán começaram seus “tórridos y sólidos amores” (p. 134). Apesar da passividade da historiografia castelhana com referência a Maria, as fontes portuguesas denunciam continuamente o relacionamento entre o rei e Leonor. Em geral, essas crônicas portuguesas acusam Alfonso XI de que “nom trataua a Rainha D^a Maria, sua molher, com aquela homra e amor como era reção e a seu estado real se deuia” (*apud* p. 136) e as prerrogativas que deveria receber, ela e seu filho herdeiro, eram dispensadas a Leonor e seus filhos. Esta suplantava na corte o lugar de Maria de Portugal e influenciava nos assuntos públicos, ocupando uma posição que nada correspondia com a de concubina, mas sim a de uma rainha. Alfonso XI em *Poema* escreveu uma crônica rimada em que manifesta uma tendência lírica acima da tendência narrativa. Beltran mostra trechos do poema e, numa estrofe, pode-se constatar o amor dele por Leonor: “Aquesta muy noble flor / ssienpre nonblada será; / ssu bondat e valor / por espejo fincará”. Isso é atípico quando se trata de crônicas, pois não se ocupavam da vida privada dos reis: “era la producción lírica la destinada a enaltecer las relaciones afectivas o eróticas, y en el caso de la Península Ibérica, tras un período de brillantez y esplendor que afectó sobre todo las cortes de Castilla-León y Portugal durante todo el siglo XIII y primer cuarto del XIV, de expresión en la primitiva lengua galaico-portuguesa, se produce un inmenso hueco que solo llega a llenarse en las últimas décadas del siglo XIV en gallego y, sobre todo, en castellano, la lengua de una nueva escuela, para volver a brillar en Portugal desde el último cuarto del siglo XV, en portugués y también en castellano, al que seguirá el esplendor del petrarquismo renacentista” (p. 143-144).

Pero López de Ayala vai ocupar-se da morte de Alfonso XI, contagiado pela peste durante um sítio em Gibraltar. Seus grandes vassallos decidiram levantar cerco e levar o corpo do rei a Sevilha, onde estava a rainha Maria e Pedro, o novo rei; Leonor acompanhava o séquito junto aos filhos Enrique e Fadrique. Diante deste acontecimento, a posição forte de Leonor, que foi agraciada com numerosas possessões, teve um revés, tendo que se submeter aos designios do novo reinado. Tudo o que ocorre depois deste fato era conhecido por Fernão Lopes, que em sua *Crônica de d. Pedro* fez uma breve síntese, conforme escreve Beltran: “el paso del cortejo por Medina Sidonia, la defección de Alfonso Fernández Coronel, la entrada de Leonor en la villa, el temor de que se hiciera fuerte allí, la detención de su hijo y partidarios, el seguro para que ella volviera a Sevilla, la escapada de sus hijos a Algeciras y luego a Morón, el encierro de Leonor en el alcázar, las visitas de Enrique y la consumación del matrimonio, el aislamiento de Leonor, ‘e levaram-na d’ali pera Carmona (...) depois foi levada (...) a Tallaveira, e ali a mandou matar a rainha dona Maria per Alfonso Fernández de Ollmedo seu escrivam, como tendes ouvido” (p. 159). Beltran diz que, ao contrário do caso de Inês, o de Leonor é rico em documentação que permite traçar o quadro de uma mulher com grande poder pessoal que, “a través de sus parientes, sus vasallos y, sobre todo, sus numerosos hijos, acumulando sin cesar donaciones y negociaciones económicas y derechos, creó un emporio de riqueza y poder y una red clientelar capaz de hacer que el trono de Pedro I vacilara desde el primer momento. Si lo sumamos al resentimiento de la reina viuda y del heredero resultaba una mezcla explosiva que, combinada con la crisis demográfica y social del siglo y con la incapacidad de Pedro I, explican la inmensa carnicería en que se convirtió su reinado” (p. 160-161).

No capítulo 4, “Los primeros romances”, Vicenç refere primeiro à política, profecia e propaganda, pontuando as inúmeras guerras pela ascensão ao poder régio tanto em Castela quanto em Portugal. Diz o estudioso que um dos instrumentos de mais impacto na sociedade cortesã foi a poesia panegírica que começa a se destacar no século XV. Este é o ponto a partir do que Beltran começa a analisar os diversos romances em torno de Inês, Leonor e Isabel.

Para ele, “[n]o pensemos que se trata de ficciones literarias, como a menudo han pensado los estudiosos de este tipo de productos. Por una parte, los historiadores de la crónica castellana han destacado que la producción del período que nos interesa, de Sancho IV a Alfonso XI, ‘vino inspirada por la adhesión al linaje regio y la necesidad de responder a relatos difundidos por sectores abiertamente hostiles que cuestionaban su legitimidad. Entre dichos relatos cabe destacar las leyendas relativas carácter maldito del linaje de Alfonso X’”, conforme diz Manuel Hijano Villegas (p. 180). Em seguida, Beltran começa a estudar as profecias: “el recurso a la profecía, con tantas variantes en su origen y desarrollo histórico, resulta fácil de extrapolar y no resulta difícil encontrar predicciones que escapen a estas pautas” (p. 182). Feita essa análise, começa a comentar os “romances contra Pedro I”, o que toma mais de vinte páginas: “los autores encuentran numerosos paralelismos constructivos entre los dos romances relativos a la venganza de Isabel de Liar y el de la muerte de don Fadrique, especialmente los preparativos de la venganza y el atuendo del vengador, que les llevan a concluir: ‘la larga sombra del romance de *La muerte del maestro de Santiago* se proyectó (...) sobre los romances de ‘En Ceuta estaba el buen rey’ y ‘El rey don Juan Manuel’, por más que estos evocaran unos sucesos, unos personajes y unas violencias con los que no hubo, en el terreno de la historia, ningún nexo’”, conforme Piñero Ramírez e Pedrosa (p. 202).

No subcapítulo “Leonor de Guzmán, Isabel de Lara y sus (hipotéticos) romances”, o estudioso comenta: “no cabe la menor duda de que ambos personajes [Leonor e Isabel] podían haber sido protagonistas de romances: sus asesinatos eran gratuitos, el primero fue motivado por una venganza personal y el segundo por la usurpación del señorío de Vizcaya; además ambas víctimas eran mujeres, como Blanca de Borbón, cuyas muertes resultaban aún más escandalosas, y afectaban además directamente a la casa real: Juan de Aragón, el marido de Isabel de Lara, era nieto de Fernando IV de Castilla e hijo de Alfonso IV de Aragón; dado el apoyo que Enrique obtuvo de Pedro el Ceremonioso, en guerra a su vez con Pedro el Cruel, su asesinato y el de su mujer resultaban casos ideales de propaganda antipetrista. Si, por otra parte, la muerte de Juan de Aragón había sido tema de un romance (‘Yo me fui para Vizcaya’) nada se opone a que hubiese sucedido lo mismo con su esposa Isabel” (p. 206).

Em seguida, o pesquisador comenta o caso do assassinato de Leonor de Guzmán e dá mostras de alguns versos tirados ao romance “Yo me estando en Giromena”. Leonor reconhece um dos assassinos e este diz: “Sabed que la reina mi prima / acá enviado me hae (*sic*) / porque ella es muy mal casada, / y esta culpa en vos estáe, / porque el rey tiene en vós hijos / y en ella nunca los hae, / siendo, como sois, su amiga, / y ella mujer naturale: / manda que muráis, señora, / paciencia queráis prestare” (p. 208). Observe-se que nestes versos há um resumo de toda a tragédia de Leonor.

Também neste capítulo, Beltran, como diz o título, se dedica aos primeiros romances que têm por objeto os casos a que se entregou neste estudo: Inês de Castro, Leonor de Guzmán e Isabel de Liar (ou de Lara). Diz que se nos atentarmos à cena da execução de Leonor, ordenada pela rainha Maria de Portugal, encontramos elementos das crônicas sobre a morte de Inês de Castro (três cavaleiros, suas dúvidas sobre a justiça da condenação) e importantíssimos dados históricos bem verificados que escaparão às crônicas (a decapitação, a confissão, o verdugo), “sino que ninguna de estas circunstancias corresponde con la muerte de Leonor, vilmente organizada y llevada a cabo por un burócrata regio. El romance combina elementos de las muertes de las dos amantes reales mediante un proceso de simbiosis muy apropiado a una larga transmisión oral, la misma que permite el olvido, tergiversación o trabucamiento de la onomástica y de la toponimia, ajenas a la historia castellana o portuguesa. Un romance originario, nacido al calor de las guerras entre Enrique II y João I, podía haber recogido los datos históricos bien presentes

en la memoria de los hijos de Inés pero nada garantizaba su fiel arraigo ni su permanencia en la memoria colectiva entre fines del siglo XIV y fines del XV” (p. 209). Fica claro que os casos levariam à criação dos mitos... Quanto ao caso de Leonor e Inês, o autor diz que um teria sido composto sobre a matriz do outro. As numerosas vinculações entre os romances do ciclo de Pedro o Cruel têm sido objeto reiterado de atenção por estudiosos, por exemplo, entre “Yo me estaba allá en Coimbra” e “Yo me fui para Vizcaya”, “y puede considerarse un recurso general usar la falsilla de un romance para construir otro de asunto semejante” (p. 211). Nada podia ser mais simples que fazê-lo quando se tratava do assassinato político e passional de damas de tal ascendência, ocorrido em um espaço de tempo tão pequeno. “Es muy posible también que fueran las circunstancias comunes (protagonismo femenino, muertes desdichadas y relación con Portugal) las que reunieron bajo un mismo nombre, el de Isabel de Liar, los romances de este ciclo” (p. 211). O caso de Isabel de Liar é mais complicado, no sentido que, apesar de verdadeiro, seu mito deriva dos casos e romances de Castro e Guzmán. Numa das versões, diz Beltran que a rainha, culpada do assassinato de Isabel, é envenenada em uma versão e sadicamente assassinada “en el mismo repostero / do su amiga fue a finar” (p. 243) na outra; Dom Rodrigo é esquartejado e os demais são decapitados, em outra versão, enquanto que noutra, o único culpado identificado, o mesmo Dom Rodrigo, é esfaqueado com a mão da defunta, oportunamente desenterrada para executar sua vingança e para casar *post mortem* com o rei a fim de legalizar a sucessão de seus filhos. “Este parece el único componente históricamente justificable de tantos disparates. Observemos sin embargo que aparece aquí la exhumación del cadáver que tanto juego ha de dar en las versiones populares del futuro” (p. 243). Em artigo de 2021, na revista *Signum* escrevi que “no romance de Isabel de Liar também ouvimos a própria voz da protagonista, que conta em castelhano como o rei se apaixonou por ela e a prole que tiveram; como a rainha – invejosa da sua fertilidade – ordena o seu fim; e como uns cavaleiros (...) vieram pelos caminhos de Monvela – nome fictício criado sobre o rio Mondego de Coimbra” (p. 121-122). Neste texto, uma das bases foi artigo de Maria Isabel Morán Cabanas, “Interferências de relações adúlteras na Corte em romances velhos sobre Inês de Castro – o *cocktail* da memória coletiva”, publicado em 2018 pela Universidade de Santiago de Compostela Publicacións. Comentei muito do que Beltran escreve neste seu livro resenhado. Apenas como recordação, escrevi que “[d]ois outros romances, ‘El Rey Don Juan Manuel / que era de Cepta e Tanjar’ e ‘En Ceuta estaba el buen rey, / ese rey de Portugal’, referem a vingança pela morte de D. Isabel (fusão de Inês e Leonor). O primeiro conta que depois de conhecer o fim trágico da amada, o rei matou a rainha que ordenara o assassinato e fez desenterrar o corpo. Sentou-a num estrado, fê-la segurar um punhal com o qual matou o seu assassino. O rei casou-se com a amada morta: ‘luego se casó con ella / así muerta como está / porque pudiesen sus hijos / a sus reinos heredar’. O segundo texto situa o monarca luso no norte de África, onde se vinga do assassino e se casa com o cadáver” (p. 122).

No último capítulo, “Inés de Castro entre Castilla y Portugal”, Vicenç estuda “¿Un episodio castellano?”, em que refere a *Estoria de dos amadores* de Juan Rodríguez del Padrón, cuja novela seria de cerca de 1440 que vai relatar, com uma distância de cem anos aproximada dos fatos de Inês e Leonor. No subcapítulo “Las trovas de Garcia de Resende”, diz Beltran que o poema de Resende é apresentado com uma rubrica que contém o essencial das histórias de Inês de Castro. O poema tem uma estrofe exórdica em que põe Inês como exemplo às damas para “descobrir / o gualardam do amor. / Por sua mercê saber / o que deve de fazer, / vej’o que fez esta dama, / de si vos daraa fama” (p. 253). A partir daí, *Fala dona Ines*, a protagonista em um monólogo relata seu amor e sua tragédia; Beltran analisa, então, cada uma das estrofes do poema —cujo matiz é o amor cortês— e faz comparações entre este poema e os romances “Yo me estando en Giromena” e “Yo me estando en Coimbra”. O autor pontua que “Garcia de Resende es el primero en defender la honestidad y rectitud de Inés y en buscar la solidaridad y la complicidad del lector, y todos estos elementos estaban solo en el romance extenso” (p. 255). E no penúltimo subcapítulo

“João III y el desarrollo del mito”, o pesquisador, entre outras, cita como Inês havia deixado de ser a amante clandestina, adúltera e incestuosa de um príncipe dado a exageradas justiças, fruto de um desequilíbrio interior, para converter-se em um mito familiar; “el siguiente paso lo daría António Ferreira con *A Castro*, para culminar (en la literatura portuguesa) con Camões” (p. 265).

No “Final: Inês un mito ibérico”, diz Beltran que são muitas as obras mais tardias sobre a protagonista de seu livro, mas que seu objetivo era mais simples: “establecer las causas históricas que propiciaron la formación del mito y explicar su desarrollo por su contexto original. La anexión de Portugal por Felipe II en 1580 le dio nueva vida pues, habiendo sido originariamente portugués, a partir de este momento se implanta con gran fuerza en Castilla y comienza a desarrollar potencialidades antes imprevistas” (p. 265-266). Passa então a analisar longamente um relato em verso *La Iffanta coronada por el rey don Pedro, doña Inês de Castro en octava rima*, escrita por Juan Soares de Alarcón, que conta a história dos dois amantes famosos, além de suas linhagens.

Vicenç Beltran termina sua obra dizendo que “el mito es por tanto de ida y vuelta: de la realidad a las crónicas, de estas a la poesía, de la poesía al teatro, del teatro a los pliegos y de todos ellos a sus lectores, que recibieron con embeleso tanta pasión, tanta persecución, tanta efusión sentimental y tantos altibajos de fortuna. La truculencia de la venganza y la coronación postmortem, cadáver incluido, sería el final ya escasamente seductor de tan largo viaje” (p. 277).

Gostaria de registrar um fato muito interessante na escrita da obra aqui resenhada: Beltran muitas vezes, de forma impecável, usa a primeira pessoa do discurso singular e a primeira do plural, enriquecendo a linguagem do texto.

Apesar de sentir-se falta de uma análise sobre o mesmo tema —o de Inês— nas poéticas, por exemplo, de Bocage e do brasileiro Jorge de Lima —apesar de estes pertencerem, um, ao século XVIII e o outro, ao XX— o estudo do professor e catedrático Vicenç Beltran supera, em muito, essa falta. Para estudiosos, pesquisadores e amantes do mito, principalmente o de Inês de Castro, as 359 páginas da obra de Beltran não apenas saciam o conhecimento sobre os intrincados fatores que levaram à criação dessa instigante fábula-história.

GERALDO AUGUSTO FERNANDES
Universidade Federal do Ceará (Brasil)